

6

A discussão sobre a nova linguagem

Como é um assunto cada vez mais discutido na mídia, no meio acadêmico e, até mesmo, entre os jovens que a utilizam, a escrita abreviada da Internet vem sendo abordada nos *sites* de relacionamento, que têm como ícone o *Orkut*.

6.1

Breve histórico do *Orkut*

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de não presente, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. (Lévy, 1996, p. 20)

Iniciamos esta seção com as palavras de Lévy acerca das comunidades que vêm se desenvolvendo no ambiente virtual, as quais abrigam semelhanças e diferenças com as comunidades “reais”.

Para um melhor esclarecimento sobre a natureza dos dados que iremos analisar mais à frente, faremos aqui algumas breves definições sobre a história do *site* de relacionamentos *Orkut*.

O *Orkut* é uma comunidade virtual afiliada ao *Google*, criada em 22 de Janeiro de 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a encontrar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro do *Google*. Sistemas de comunidades virtuais, como esse adotado pelo projetista, também são chamados de rede social.

Cada usuário do *Orkut* possui uma conta e um perfil. Apenas pode se tornar membro aquele que for convidado por outro usuário, já cadastrado no sistema.

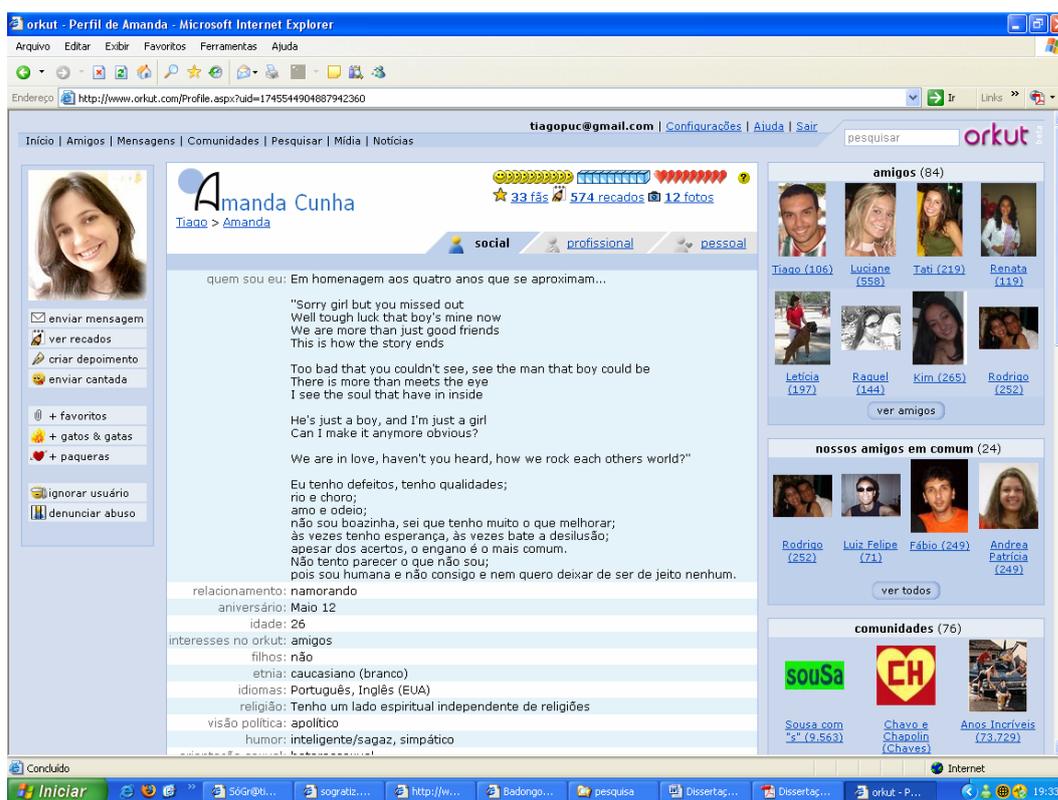


Imagem 9 – Perfil do usuário no Orkut

No perfil do usuário (v. **imagem 9**), estão algumas características pessoais, como descrições físicas, listas de livros e músicas prediletos, um texto de apresentação sobre quem somos etc. Além disso, cada usuário pode adicionar outros usuários, classificando-os como “amigos”.

Também existem no *Orkut* “comunidades”, que são formadas por grupos de pessoas que dispõem de uma página exclusiva da comunidade para iniciar tópicos de discussão. Muitas pessoas apenas entram nas comunidades porque acham o nome ou a proposta interessante, ou porque a comunidade representa um aspecto de sua personalidade.

As motivações financeiras para a criação do *Orkut* tornam-se mais evidentes após a obrigatoriedade de filiação à rede *Google*, anunciada em setembro de 2005. Desde o princípio (explícito nos termos de uso) ficava claro o objetivo de coletar informações úteis para personalizar as buscas efetuadas no famoso *site* de busca, maximizando o potencial de lucro, possivelmente através de cruzamento dos dados.

O sistema possui atualmente mais de vinte milhões de usuários cadastrados, tendo o Brasil como o país com o maior número de membros (dezoito milhões de usuários), superando inclusive os EUA (que tem 3,8 milhões de usuários). Na verdade, esses números não apresentam exatidão, já que muitos membros se inscrevem como habitantes de outros países ou criam mais de um perfil por usuário, o que faz com que as estatísticas oficiais do *site* não sejam consideradas precisas.

Portanto, quando falamos de uma rede social como o *Orkut*, não estamos falando de um pequeno grupo de pessoas interligadas, mas de uma grande parcela da população, que, como assinala Lévy (1996), participam do movimento de virtualização da sociedade, da tensão em sair de uma “presença” física. É importante ressaltar também que essa busca por relacionamentos *on-line*, de acordo com o mesmo autor, não exclui os encontros presenciais, pois, comparando o advento do telefone com o da Internet, Lévy (1996) diz que as pessoas que mais telefonam são também as que mais encontram outras pessoas em carne e osso. Porém, como vimos até aqui, cada forma de socialização, a presencial e a virtual, tem suas características próprias.

6.2 **Comunidades contra a linguagem da Internet**

O *Orkut*, devido ao seu grande alcance, principalmente entre os jovens, constitui-se como um rico campo de pesquisas no que diz respeito a suas opiniões quanto à linguagem que utilizam. É bastante interessante que analisemos essa metalinguagem.

Vejamos alguns exemplos de comunidades encontradas no mais famoso *site* de relacionamentos da atualidade:

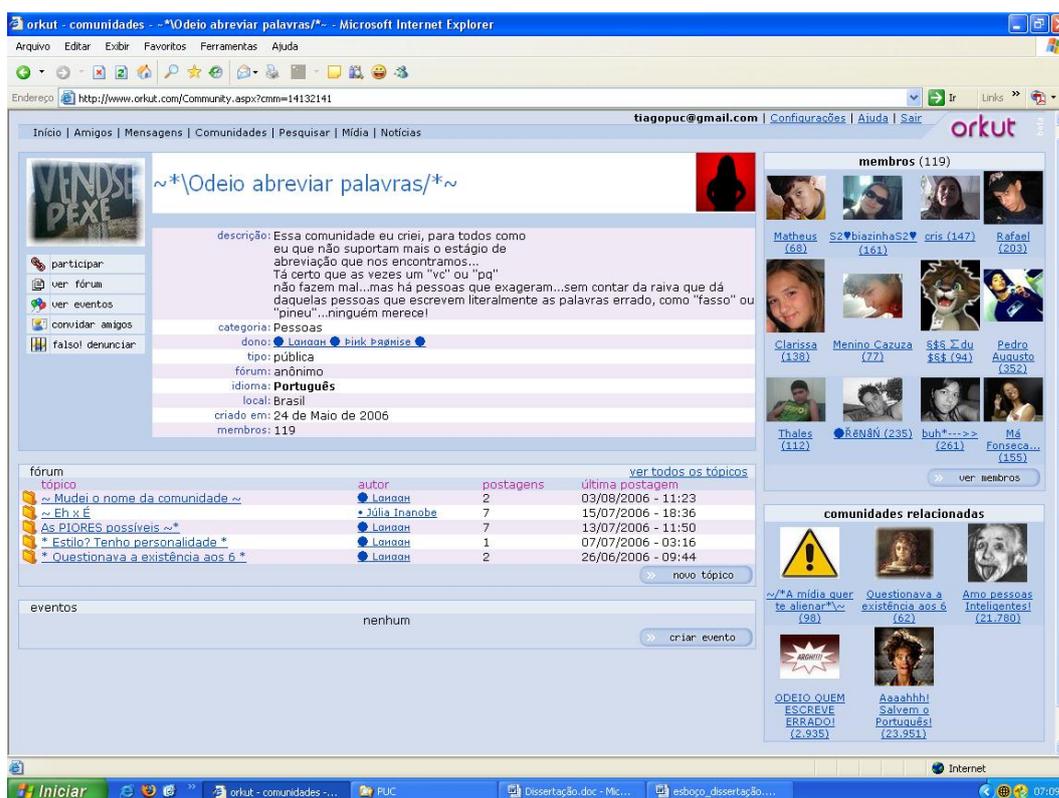


Imagem 10 – Página inicial da comunidade *Odeio abreviar palavras*

A primeira que analisaremos será a comunidade “Odeio abreviar palavras”, em que sua “dona”, ou seja, sua criadora, posiciona-se claramente quanto à sua opinião sobre a abreviação de palavras na Internet. Na descrição da comunidade, Lanaah diz que a comunidade foi criada para “todos que não suportam mais o estágio de abreviação que nos encontramos”. Ela ainda faz a ressalva de que um “vc”¹⁴ ou um “pq”¹⁵ de vez em quando “não fazem mal”, posto que essas já são abreviaturas comuns, aceitas pela quase totalidade das pessoas e perfeitamente compreensíveis.

Ela diz, na descrição da comunidade, que tem raiva das pessoas que escrevem “literalmente errado”, dando os exemplos “fasso” e “pineu”¹⁶. Há ainda, uma foto que representa a comunidade, em que podemos observar uma placa com a inscrição: “VENDSE PEXE”. É feita, com isso, uma comparação entre um provável erro de ortografia e as abreviações de palavras e expressões na Internet.

¹⁴ Abreviação de “você”.

¹⁵ Abreviação de “porque”.

¹⁶ Corruptelas de “faço” e “pneu”.

Investigando o perfil da usuária Lanaah, podemos observar que, apesar de não informar a idade, ela é uma adolescente, pois expõe algumas fotos suas. Essa informação se faz necessária, já que tratamos, no momento, da opinião de jovens sobre esse tipo de linguagem.

Percebemos que, apesar de ser uma usuária acostumada com a Internet, já que teve habilidade para criar e desenvolver a comunidade, Lanaah não concorda com as abreviaturas lá utilizadas, segundo ela, exageradamente, chegando ao ponto de considerá-las erros da língua. Essa postura conservadora é comprovada se observarmos as comunidades com as quais ela relacionou a sua: “Odeio quem escreve errado” e “Aaaah! Salvem o português!”.

A criadora da comunidade não considera que a abreviação seja uma maneira de comunicação adaptada ao veículo em que acontece, com o propósito de agilizar a conversa, síncrona ou assíncrona; muito pelo contrário, tanto ela quanto outras pessoas que postam seus comentários na comunidade consideram-na um erro, idéia que, segundo a postura que venho adotando nesta pesquisa, é equivocada.

Lanaah, no tópico “~ Eh X É”, criado por outra participante da comunidade, que inicia o debate perguntando qual a diferença entre as duas expressões, já que ambas têm dois dígitos, e por esse motivo não configurariam economia, reafirma que acha a linguagem da Internet – não só as abreviaturas – errada. Ela responde à colega dizendo:

*Muitaaaa diferença
o "É" é certo e o "Eh" é errado
considerando que ambos são dois dígitos
por que não usá-los para escrever certo?*

Segundo Benedito (2003), usa-se o h para acentuação, abreviaturas e acrônimos. Seguindo os dados de minha pesquisa, pude perceber que, além de atribuir um efeito informal à linguagem, caracterizando-a como própria da Internet, a utilização do h em lugar do acento agudo também tem um caráter prático, mesmo sendo necessária a digitação de duas teclas. Para acentuarmos uma palavra, digitamos primeiramente a tecla de acento, porém, ele só aparecerá após a digitação da vogal. Com isso, o usuário está mais exposto ao erro, já que o acento

não aparece na tela simultaneamente a sua digitação, que tende a ser bastante rápida. Já a utilização da letra *h* não causa esse tipo de problema.

Uma outra explicação para o uso de *h* em lugar de acento agudo e *um* em lugar de til é o fato de os teclados antigos não terem acentuação, já que o sistema operacional dominante era o DOS, que não permitia seu uso. Com o surgimento de programas de bate-papo, os usuários, a fim de suprirem essa carência e para evitarem duplas interpretações, criaram essa estratégia.

Contudo, não se sabe ao certo a origem dessa substituição.

Não podemos esquecer ainda que, até os dias de hoje, há *softwares* e *sites* da *web* que não aceitam o uso de palavras acentuadas e alguns caracteres especiais, principalmente os que servem para o envio e recebimento de *e-mails*, o que obriga o usuário a criar algumas estratégias de escrita.

Ainda nesse tópico da comunidade, acho interessante destacar a reflexão feita por Lanaah acerca de sua postura radical contra as abreviaturas:

Bom...não vou negar
que ANTES eu escrevia tudooooo
abreviado
mas eu parei pra pensar e vi
que algumas palavras quando escrevemos
por exemplo, abreviadas...acabavam saindo até maiores e já que o objetivo
da abreviação é como a palavra diz
ABREVIAR isso acaba me alfabetizando e
interfere não só na internet, até no colégio em redações.

Além de achar que, muitas vezes, as abreviaturas não atendem ao propósito de economia, Lanaah diz que, quando as utilizava, tinha problemas com a redação de textos em outros ambientes, citando o exemplo do colégio.

Aqui, encontra-se um dos principais problemas que ocorrem por causa da falta de esclarecimento a respeito da utilização de diferentes linguagens em diferentes gêneros textuais. É preciso que haja, nas escolas, um trabalho que mostre aos alunos que a linguagem utilizada na Internet não é errada, pois atende aos princípios do meio. O que se configura como inadequado, e não errado, é o uso deste tipo de linguagem em documentos que exijam a norma culta da língua.

Há outras comunidades com membros que se posicionam contra a utilização de abreviaturas, porém, utilizaremos apenas a supracitada, por achar suficiente para nossas considerações.

6.3 Opiniões de profissionais da educação

São diversas as opiniões a respeito das influências exercidas pela tecnologia da Internet na nossa linguagem. Vejamos algumas delas:

*Na Internet o usuário escreve como fala, esta é uma característica própria do meio. Não acredito que essa linguagem vá passar para a vida real, onde existe uma barreira natural das pessoas que não entendem nem falam esse jargão. (Sérgio Nogueira, em um artigo publicado na revista *Internet.br* do mês de novembro de 1998)*

*O próprio conceito de escrita errada é problemático. A linguagem muda junto com as mudanças sociais. Ninguém mais fala ‘vossa mercê’, usamos agora ‘você’. Aos pais que ficam atordoados com cada ‘eh’ escrito no lugar do ‘é’, a orientação é a mesma de antes do advento da Internet: muito incentivo à leitura de bons livros, revistas e jornais. (Andrea Ramal, diretora da *Instructional Design*, assessoria carioca especializada em educação e tecnologia)*

Os adultos ainda estão despreparados para lidar com tudo isso, mas a Internet os deslumbra como faz com os jovens. O ideal é que os pais venham a conhecer aos poucos esse mundo, porque é difícil educar e impor limites em relação a algo desconhecido. (Anne Lise Scappaticci, terapeuta familiar, da Unifesp – Universidade Federal de São Paulo).

Um usuário autônomo da linguagem precisa justamente dominar seus diferentes usos para poder transitar nos diferentes contextos comunicativos. Se você escrever de forma rebuscada nessas salas de bate-papo, não estará fazendo um bom uso da linguagem, já que o meio impõe um ritmo próprio. Da mesma forma, se usar essa linguagem, por exemplo, na produção de um documento, seu uso estará inadequado. Por acaso, aconteceu algo com o português com o uso do telegrama, em que abreviamos as frases? (Maria Ivone Domingues, educadora da Escola da Vila)

Os comentários acima, com diferentes opiniões a respeito do *netspeak*, foram retirados de reportagens publicadas em jornais e *sites*, em que não tivemos

contato com os profissionais entrevistados. Para melhor ilustrar a opinião de docentes quanto a essa nova forma de comunicação, veremos o resultado de uma pesquisa, em que dez professores de língua portuguesa do ensino médio responderam a um questionário sobre diversas questões referentes à linguagem da Internet¹⁷.

Veamos um gráfico que demonstra a idade e o tempo de trabalho de cada participante:

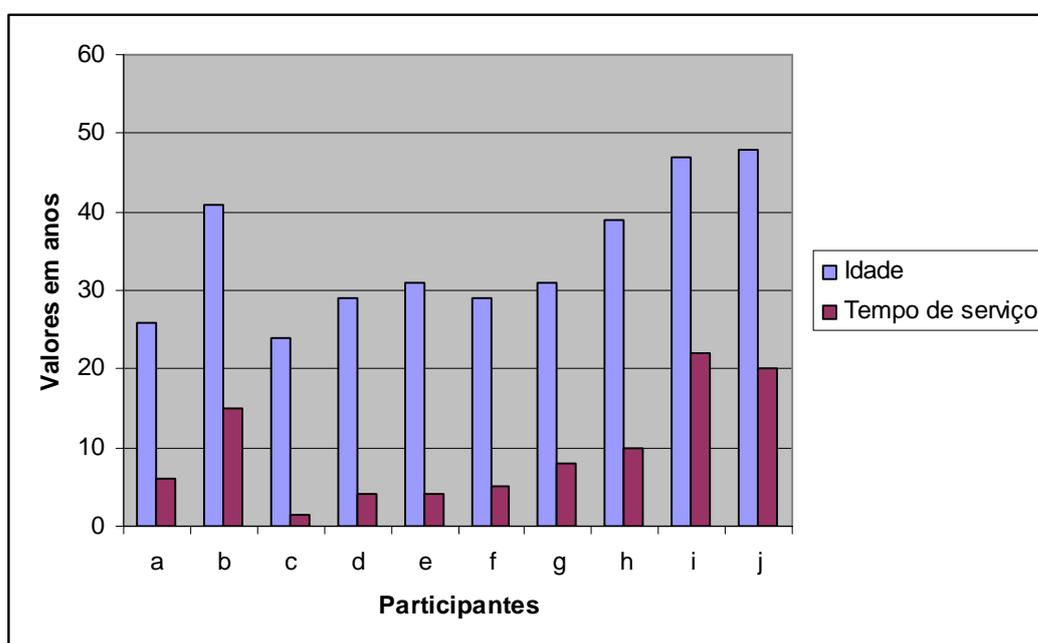


Gráfico 12 – Idade e tempo de trabalho dos professores entrevistados

A pesquisa foi feita entre pessoas de faixa etária e tempo de trabalho bastante variados, propositalmente, de modo que possamos analisar a reação de cada profissional frente às novidades.

Quando perguntados se a linguagem da Internet atrapalha o ensino, nossos participantes foram quase unânimes em dizer que não, pois houve nove adesões ao “não” e apenas uma ao “sim”, justamente de *j*, o professor com idade mais avançada.

¹⁷ O questionário encontra-se no Anexo A deste trabalho.

A questão seguinte perguntava-lhes se procuravam orientar seus alunos sobre o uso dessa linguagem. Oito responderam que sim, dentre os quais três disseram que orientam apenas superficialmente; e dois que não, pois não conhecem o gênero suficientemente. Com esta pergunta, podemos constatar mais um dado preocupante: apenas cinquenta por cento dos professores entrevistados sentem-se à vontade para orientar seus alunos quanto ao uso do *netspeak*, proporção pequena, se pensarmos que estamos apenas entre professores com nível universitário, responsáveis pela orientação de uma grande parcela de jovens.

A respeito da estrutura da língua portuguesa, sete professores acham que a linguagem da Internet não vai mudá-la e três que sim. O participante *j* está entre esses três que, talvez por desconhecimento do assunto, acreditam que a estrutura da língua está ameaçada.

Outro dado que mostra que esta pesquisa vem mostrar resultados opostos ao pensamento das pessoas em relação à linguagem usada no ambiente virtual é que os professores, ao serem perguntados se as abreviaturas de hoje são diferentes das usadas antes do advento da Internet, responderam, em sua grande maioria, que sim (sete pessoas). Apenas uma pessoa disse que não, e duas se abstiveram. Conforme o trabalho vem mostrando, muitas técnicas de abreviação atuais são semelhantes às de antigamente, apesar de, em alguns casos, terem propósitos diferentes.

Uma pergunta que teve como resultado opiniões bastante equilibradas foi a referente à atitude do professor frente ao uso de abreviaturas pelos alunos em textos redigidos no ambiente escolar, em que seis disseram que o professor deve reprimir esse tipo de linguagem em ambientes escolares e quatro responderam que não. Alguns professores, ao serem abordados para responder o questionário, disseram que a palavra “reprimir” utilizada na questão soava como violenta, porém, acham que em uma redação não deve haver essa transposição.

Contudo, quando perguntados se permitem aos alunos usarem essas técnicas de abreviação apenas em seus cadernos, para copiar matéria ou fazerem observações de aula, o resultado se apresenta bastante diferente. Nove professores responderam que permitem, sendo que oito disseram que pedem a seus alunos para evitarem fazer isso, pois eles podem acabar se acostumando e usando a linguagem abreviada em documentos oficiais. Apenas um disse que não permite,

pelo mesmo motivo descrito anteriormente, em que oito dos professores que dizem permitir acham melhor alertar seus alunos.

O item nove do questionário pergunta se o professor costuma usar a Internet freqüentemente. Sete disseram que sim e três que não. É interessante ressaltar que *d*, que respondera não permitir o uso de abreviaturas por parte dos alunos nem mesmo em seus cadernos, diz não ter o hábito de usar a rede mundial de computadores, dado que talvez o impossibilite de orientar seus alunos quanto a esse uso. Mais uma vez *j* se mostra desatualizado quanto ao assunto, pois também afirma não ter contato freqüente com a *web*.

Dos sete professores que responderam usar a Internet freqüentemente, seis dizem abreviar palavras no ambiente virtual e apenas um afirma não utilizar esse recurso. Resultado diferente temos ao perguntá-los se transpõem essa linguagem econômica para outros ambientes, além do virtual: apenas dois disseram que sim (*a*, em materiais de estudos pessoais e bilhetes; e *i*, em torpedos) e cinco que não. Ainda há uma relutância por parte dos profissionais docentes em admitir que a linguagem em que se utilizam abreviaturas é prática e usual em gêneros que não exijam rigor formal, da mesma forma que a linguagem coloquial do dia-a-dia.

Esta seção mostrou que, além de muitos professores não terem ainda o contato com a Internet (trinta por cento dos entrevistados), alguns dos que tem esse contato ainda se sentem inseguros e ameaçados pelo *netspeak*, algumas vezes se contradizendo, ora com postura liberal, ora com postura conservadora, como nos mostrou essa última comparação feita entre os docentes que têm o hábito de usar Internet.

É necessário que tenhamos a consciência de que, como diz Lévy (1996, p.72):

Quanto mais as linguagens se enriquecem e se estendem, maiores são as possibilidades de simular, imaginar, fazer imaginar um alhures ou uma alteridade.

Uma nova linguagem não causa empobrecimento à língua, muito pelo contrário, surge uma nova opção de comunicação, o “leque” lingüístico cresce ainda mais. Porém, urge que sejam criados cursos que habilitem os educadores a lidarem com esse tipo de situação. Durante todo o trabalho, procuramos demonstrar como o recurso da abreviação vem crescendo e se diversificando, o que não nos permite

fechar os olhos para a situação. Porém, não podemos orientar pessoas se ainda necessitamos de orientação.

Escrever cartas, por exemplo, é ensinado rotineiramente na escola; e já que existe ampla concordância de como elas devem ser escritas, apoiada por recomendações de manuais, sentimo-nos seguros desse conhecimento. Mas nenhum guia desse tipo existe ainda no caso do *netspeak*. Em breve, as convenções de *netspeak* serão ensinadas normalmente nas escolas. (Crystal, p.79-80)

Essa citação de David Crystal reforça a necessidade de uma preparação maior dos professores em relação à nova linguagem que vem surgindo. Ele faz uma previsão de que, em breve, da mesma forma que há o ensino de gêneros textuais consagrados, como a carta, haverá também o ensino de como se escrever na *web*.

Porém, é importante pensarmos o seguinte: se uma das características marcantes do *netspeak*, talvez a que mais fascine os seus usuários é a liberdade de criação, sem qualquer tipo de revisão externa. A normatização dessa linguagem pode acabar descaracterizando-a, e fazendo com que haja uma procura por outra forma expressiva “exclusiva”, anárquica, pois, como Crystal mesmo afirma:

Algumas pessoas estão felizes mandando mensagens sem qualquer revisão e sem se importar com erros de digitação, uso irregular de maiúsculas, falta de pontuação e outras anomalias. Mas esse é um efeito secundário, que raramente interfere no entendimento. É um estilo especial se originando das pressões que incidem sobre os usuários do veículo, além de um desejo natural (especialmente entre os usuários de menos idade – ou mais jovens de espírito) de ser idiossincrático e ousado. (p. 89)